

Maria Benites/Bernd Fichtner<sup>1</sup>

## Aprender como Utopia Política do Cidadão - Problemas e Possibilidades de uma Radicalização da Ética

*All emancipation is a reduction of the human world and relationships to man himself. (...)*

Only when the real, individual man re-absorbs in himself the abstract citizen, and as an individual human being has become a species-being in his everyday life, in his particular work, and in his particular situation, only when man has recognized and organized his "own powers" as *social* powers, and, consequently, no longer separates social power from himself in the shape of *political* power, only then will human emancipation have been accomplished. (Marx 1844),

Para começar gostaríamos de colocar **três constatações**:

***1 constatação: Quase todos os países do Globo, apresentam-nos um panorama que nos leva a perguntar-nos: A educação pública tem um futuro?***

Uma resposta aparentemente negativa nos é já dada pela Organização Mundial do Comércio (OMC) através do GATS – *General Agrément on Trade in Services*, que iniciou e continua atuando com uma energia incrível, pois conseguiu que 38 países assinem a proposta da OMC de “liberalizar” os seus sistemas de Educação, isto é: reduzir ou eliminar barreiras existentes para que possa ser dada à Educação a categoria de um serviço que responda às necessidades do livre mercado. Aqui não é preciso apresentar todos os dados e fatos que comunicam que o campo da Educação Pública já é liberado para sua mercantilização<sup>2</sup>. Os países que lideram esta proposta são Austrália, USA, Nova Zelândia e Inglaterra.

A aplicação destas propostas de “educação pública” vemos acontecer em: China (Kwong, 1997), África do Sul, Argentina, México, Chile (Carnoy, 1996), Canadá, Nova Zelândia (Fiske, 2000 e Anderson, 2001).

Independentemente dos resultados apresentados nos países acima mencionados, os efeitos da reestruturação neoliberal da educação pública são três:

<sup>1</sup> Palestra no Fórum Mundial de Educação de São Paulo, 2004

<sup>2</sup> “*Public Citizen*”, uma revista americana da “*global trade watch organization*”, constatou (2002) que as propostas e atividades já realizadas por GATTTS são extremamente complexas e abrangentes, incluindo todas as formas de serviços que tenham relação com: meio ambiente, cultura, recursos naturais, água potável, saúde, segurança social, transporte, correios, telecomunicações e um grande número de serviços públicos, não somente em relação à Educação. Até final de março deste ano os membros da OMC (Organização Mundial do Comércio) deverão definir quais são as áreas que serão “liberalizadas”. Desde 1996, paralelamente com a sua atuação na perspectiva de “liberalização” do setor de educação, trabalham também intensamente com áreas essenciais do conhecimento, como tecnologias da informação e comunicação. Faz-se previsão de que as suas propostas para tecnologias da informação e comunicação sejam levadas a cabo.

- 1.- As verbas dos sistema público de educação diminuem;
- 2.- A desigualdade social em relação ao conhecimento aumenta dramaticamente;
- 3.- A classe média apóia estas iniciativas e simpatiza com o fato que seus filhos não compartilhem com as classes menos favorecidas as salas de aula.

### ***2 constatação . A crise fundamental da Educação Publica***

Em todas as sociedades modernas a escola representa a instituição que mais cresce, aumenta e se expande em todas as áreas da vida social.

As nossas crianças e adolescentes passam o tempo mais produtivo e criativa na sua vida dentro do sistema educacional.

Geralmente eles entram com esperança, com criatividade, com fantasia com vontade de aprender, porém deixam a escola desiludidos, defraudados, pois são os afortunados possuidores de habilidades, competências e conhecimentos que a na maioria das vezes não tem relação com a sua vida e com a sociedade na qual eles devem viver e trabalhar.

Assim assistimos a famosa crise da pedagogia e, sobretudo da escola publica que aparentemente não esta atendendo as necessidades e desejos dos indivíduos e a demanda da sociedade na formação a pesar de todos os seus esforços por modernizar-se.

### ***3.constatação A Educação Publica é um fenômeno histórico e transitório***

Sabemos que quase todos os sistemas de uma educação pública não têm uma historia de mais do que 200 anos.

*As contradições da “educação pública” numa perspectiva histórica:*

*Por um lado:* A educação publica não se orienta para uma formação especial profissionalizante como, por exemplo, a de um artesão, de um funcionário publica ou de um técnico, pelo contrário, na sociedade baseada na dinâmica extrema da divisão do trabalho todos os alunos de uma nação precisam um sistema único e geral de conhecimentos, capacidades e normas morais. A sociedade na forma de nação ou do estado projeta valores, conhecimentos, habilidades, que acredita serem indispensáveis à sua própria sobrevivência, melhoramento e continuidade.

*Por outro lado:* Os sistemas da educação pública tinham na Europa uma função importante para a constituição da classe burguesa e do Estado como Nação. A Educação Pública tinha como objetivo principal o de reproduzir os interesses da burguesia nacional, embora a declaração política par um acesso livre para todas a crianças de um povo. Desde o início, os sistemas da educação pública foram e são até hoje, *uma área de luta política.*

Olhando estas três constatações como um conjunto, podemos fazer o seguinte resumo: Não existe nenhum motivo para glorificar a forma existente tradicional da educação pública. Esta forma é um fenômeno transitório. As chances de salvar os sistemas estabelecidos de educação pública no nível mundial são mínimas. Nesta situação achamos a demanda política de um acesso livre para a educação insuficiente e mais do que problemático.

*A Educação Pública poderia ter uma chance de sobreviver, se conseguimos mudar e transformar radicalmente esta E P. Isto seria um problema da práxis, dos projetos*

*práticos, pois o novo desenvolve-se somente na prática, no fazer e nos suas contradições, isto que é novo não consegue crescer ou desenvolver-se no campo teórico, no campo das idéias.*

Qual seria neste contexto a tarefa da teoria ou do pensamento teórico analítico: Apresentar e analisar as contradições no processo e no resultado chamado Educação Pública e também analisar o novo que surge e que se mostra freqüentemente em sintomas de uma crise.

Escola e ensino têm uma historia de mais do que 5000 anos. Com a construção da educação pública 200 anos atrás a escola se relaciona pela primeira vez com a sociedade como um todo. Porque? Em que contradições?

O sistema tradicional da Educação pública obviamente foi só possível;

porque algo como a sociedade em geral foi pensada.

porque realmente existia uma esfera autônoma do político, construído nas lutas políticas da época.

E assim a Educação Pública se relacionava à sociedade como um todo. Isso só era possível na base de uma autonomia relativa da Educação Pública. (talvez concretizar : ensino seriado, as matérias com as sua própria lógica, etc)

*A razão política do Estado e da sociedade (a sociedade burguesa) representava o enfoque e o centro lógico da E P. Isso significa também que aprendizagem e todas as formas do ensino- aprendizagem são determinadas essencialmente por as contradições primárias da formação econômica de sociedades modernas capitalistas.*

A dupla natureza da mercadoria como união entre valor de uso e valor de troca começou a determinar todos os níveis da educação pública e sua realidade. Notas, boletins, títulos, créditos, tempo, conteúdo, currículos, hierarquização, são dados que nos permitem ver que na escola existe uma relação de valor e poder indissociável que caracteriza e reproduz todas as relações que se desenvolverão na sociedade.

Com as mudanças radicais atuais na política, na sociedade e sua cultura no contexto de globalização se dissolveu a razão política da educação pública que, como dissemos anteriormente, era a relação abstrata com a sociedade como um todo. A dissolução se articula atualmente na aparição de múltiplos sintomas de uma crise da educação pública.

Os sintomas se encontram nos alunos, nos/as professores/as, na relação com a sociedade e o Estado, etc. Não vou mencionar nem entrar na descrição ou analise destes sintomas. O importante é a variedade das formas destes sintomas produzidos pelos jovens e as crianças, articulando assim a inutilidade do sistema para sua vida, interpretamos estas formas como um movimento vivo de afastamento do velho, que é um primeiro passo para a criação de algo novo.

Para entender os problemas atuais da Educação Pública precisamos uma concepção adequada do que é novo nesta época e que novas dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais estão surgindo. Só para evitar um equivoco: A formação econômica de nossas sociedades mostra cada dia com mais clareza o seu caráter destrutivo e auto-destrutivo. Na sua próprio lógica o capital não pode limitar-se a se mesmo O único critério do management das recursos é o crescimento do lucro e com isso este sistema esta destruindo o planeta e a humanidade mesma. Mas esta realidade não e compreendida se

nos a queremos explicá-la e entende-la somente pelo prisma da globalização neoliberal e sua relação com o capital financeiro transnacional.

É preciso de analisar “a negação da negação da liberação”, onde surgem as formas de um novo. É preciso analisar profundamente o sistema categorial desta época e as matrizes dos seus principais conceitos, sobre tudo analisando ou fazendo uma revisão fundamental das suas distinções e características.

Quase que naturalmente usamos imagens e conceitos dicotômicos como

Indivíduo - Sociedade,

Sociedade - Natureza,

Sujeito - Objeto,

Mundo interior - mundo exterior

Natureza eterna atemporal - historia humana

O mundo das coisas – o mundo dos signos etc.etc.

Estas imagens e conceitos dicotômicos<sup>3</sup> representam para o desenvolvimento político becos sem saída e becos absolutamente moralizantes, que impedem qualquer tipo de compreensão e análise da complexidade de formas novas e de novas qualidades que se desenvolvem atualmente assinalando uma outra qualidade da relação entre educação publica e sociedade

Todas as sociedades modernas como Brasil, Alemanha, China, etc. mostram que seus sistemas funcionais tais como: sistemas de saúde, jurídico, ciência, e educação publica *não estão desenvolvendo cada vez mais a sua autonomia, a sua própria lógica*, pelo contrario, existe uma continuidade surpreendente entre sociedades modernas e tradicionais. Sociedades tradicionais relacionam de uma maneira determinada instrumentos, coisas naturais, rituais, formas de socialização etc. Nas sociedades pós-modernas se relacionam, misturam, tecnologias, instituições sociais, estratégias políticas, opiniões religiosas construindo misturas híbridas como Bruno Latour explicou. A diferencia entre ambos tipos de sociedade possivelmente se encontra no fato que as sociedades atuais misturam mais elementos nestas redes sociais que tem uma textura as vezes mais fina do que nas sociedades tradicionais.

Gostaríamos de apresentar três exemplos concretos e práticos. São exemplos de culturas diferentes que mostram como na pratica são construídas novas formas de uma educação publica que não são mais compreensíveis com estas imagens e conceitos dualistas e dicotômicos. E que nos sugerem a pergunta: Será que eles tem um potencial para novas perspectivas da Educação Publica,?

## **1. O Projeto do Professor Falko Peschel /Alemanha no “ensino primário**

Um projeto concreto de quatro anos que consistiu na práxis numa escola elementar, onde um professor deixou nas mãos dos alunos da primeira a quarta serie a organização do processo de ensino-aprendizagem.

---

<sup>3</sup> Nas ultimas obras de Bruno Latour (2001<sup>a</sup> e 2001b)se encontra mais informações sobre esta dicotomia moralizante.

Neste projeto não existiam livros didáticos, nem currículo, nem material didático, nem jogos pedagógicos, etc. etc. etc. Existiam só folhas em branco que as crianças deveriam preencher com suas idéias, seus conceitos, suas necessidades e seus desejos. Claro que existiam auxiliares neste processo mais eram os instrumentos mais simples, o básico: listas de letras, de números, de posições para sistema numérico, etc.

Eram 32 alunos que começaram com seis ou sete anos uma primeira serie muito diferente das outras, eles deveriam organizar seu dia de escola: conteúdos, organização, disciplina, horário e sobre tudo relações com o conhecimento. As diferenças existentes entre as crianças, respeitadas e aceitas, foram as bases para esta forma de auto-organização e auto-regulação. A abertura foi o principio fundamental de este aprendizagem onde todos os alunos aprenderam a ler e escrever, foi um processo de aprender e ensinar ao mesmo tempo entre eles. Quando os alunos queriam aprender elas mesmos só ocuparam esclarecendo o conteúdo organizar os materiais necessários.

Eles se aprenderam a escrever e através do escrever aprenderam a ler. A ortografia não foi aprendida por leis gramaticais ou exercícios repetitivos e cansativos, mas pela prática de escrever e ler e olhar. Ao final de 4 anos o professor pediu uma avaliação externa, muito rígida e severa de acordo com os padrões da educação formal na Alemanha e o resultado de todas as crianças com respeito a capacidade de escrever, compreensão de texto, ciências naturais e exatas foi 30 por cento melhor do que a media nacional e o mais importante foi que todas as crianças entraram na segunda etapa do ensino médio com uma bagagem de segurança e auto-estima não contabilizada na avaliação externa.

Muito mais surpreendente do que os resultados obtidos no currículo foram os resultados da integração social destas crianças, que em vez de apresentar padrões e regras comportamentais, cada minuto da convivência era determinada pelo direito de opinar e decidir e por um respeito verdadeiro pela decisão da maioria, sem demagogia.

Neste exemplo o que nos surpreendeu verdadeiramente foi a autenticidade das relações existentes entre aluno e professor, este conjunto de indivíduos se debruçou num problema real, como aprender o que a sociedade exige sem ferir a originalidade, a unocidade, o tempo individual e a necessidade social de cada um de seus membros, sem usar essa pedagogia arrogante que se outorga o direito de definir o que é bom para o outro, geralmente desconhecido.

## **2. A Universidade popular e comunitária de Cuibá**

Esta universidade não é compreensível com a concepção tradicional de uma universidade e sua função sócia. Aqui surgem radicalmente novas funções sociais do conhecimento e da sua construção. A Universidade Popular Comunitária – UPC, surge em Cuiabá da necessidade de suprir a demanda de Educação de Jovens e Adultos, considerando as necessidades e os problemas referentes a esta oferta educativa. A quantidade de adultos analfabetos na cidade, bem como o alto índice de perdas no ensino do primeiro grau (51% primeiro segmento e 38 % no segundo) oferecido a esta camada da população, preocupou educadores e autoridades responsáveis. Estes índices trazem a tona a problematização da pertinência da forma e qualidade do ensino oferecido, a discussão daí decorrente considera as diferentes dimensões da vida do adulto e as mudanças em nossa sociedade,

considerando, as alterações no mundo do trabalho e na família entre outras, bem como toda uma reflexão sobre o sistema de ensino e o papel das Universidades em nossa sociedade. Neste sentido uma Universidade Popular busca considerar que o espaço para educação de Adultos é o da universidade e não o da escola, entendendo Universidade como um tempo /espaço onde o trabalho educativo é desenvolvido tendo a centralidade no aluno. O currículo é elaborado a cada enturmação tendo como substrato à biografia dos envolvidos privilegiando três dimensões, as competências profissionais, outras habilidades que possuem e seus sonhos e desejos. As turmas têm em média 240 alunos, que devem ter mais de 25 anos, não ter completado o ensino fundamental e que não estejam matriculados em outras escolas da rede. As atividades são oferecidas em diferentes turnos, que os alunos freqüentam de acordo com as suas possibilidades. Estas atividades são organizadas sob a forma de: mesas de aprendizagem, oficinas, ferramentarias, laboratório de intervenção e saberência.

As oficinas são desenvolvidas considerando as diferentes habilidades dos alunos que neste espaço tem papel preponderante cabendo ao professor contribuir na organização da atividade. Neste espaço os alunos são “*estrelas que brilham*”. As oficinas orientam os demais espaços educativos. No Campus Herbert de Souza as primeiras oficinas foram “*Vivências e Saberes*” e “*O Som e a Voz*”.

As mesas de aprendizagem são espaços construídos tendo em conta as habilidades profissionais e os desejos dos alunos, trabalhando dimensões importantes no processo de escolarização e profissionalização a partir de conhecimentos pertinentes ao cotidiano do aluno atividades. São tempos/espaços onde os saberes são compartilhados e o papel do docente é preponderante na sistematização dos conhecimentos. Como exemplos de mesas temos: “*Causos e Andanças*”, *Gostosura e Comilança* “”.

Fermentarias são espaços onde se trabalham saberes específicos e aplicados às atividades educacionais ou profissionais. Nestes espaços a preponderância dos papéis dos docentes e discentes se alterna de acordo com a especificidade. São exemplos de feramentaria: a “*Oficina de Alfabetização*” e a “*Oficina de Rádio*”.

Laboratório de intervenção são espaços onde se desenvolvem atividades de mobilização em várias esferas de intervenção social. Como exemplos destes espaços temos; a participação de alunos e professores em Seminários (Seminário sobre Políticas públicas na UFMT/ 2002). Audiências públicas, reuniões de bairros, entre outros.

Temos ainda espaços de saberências, que estão reservados para formação docente, organização institucional, produção de materiais, documentos, sistematização do processo desenvolvido. A organização prevê ainda outras instâncias organizativas, como espaços inter campi e de interlocução com a sociedade, estes espaços ainda em construção.

### **3. A aprendizagem das crianças do povo indígena Enawene-Nawe**

Esta experiência nos foi relatada por Gilson Mendes, antropólogo da USP que trabalhou durante 5 anos com o povo Enawene-Nawe

O recém-nascido enawene (tanto homem quanto mulher) é, ainda, identificado em muitas formas no corpo social pelo corte de cabelo, pelo uso de um brinco de tucum

(*Bactris* sp) e por estreitas e delicadas tornozeleiras e pulseiras tecidas com algodão. Assim, sucessivamente, os adereços vão marcando as diferentes faixas etárias e sexuais da vida de uma pessoa, assinalados de forma visível no seu corpo. Brincos, braceletes, tornozeleiras, caneleiras, colares, tatuagens, adorno peniano etc constituem o repertório dos marcadores do tempo social indicando as fases e categorias de idade, de posições e papéis sociais.

Antes da entrada na fase adulta, toda criança está desobrigada de qualquer responsabilidade social ou familiar. Atividade de criança é exclusiva e notadamente de criança, identitária da fase pré-adulta, como subir em árvores e mergulhar nos rios, matar e brincar com passarinhos capturados, deslanchar pelas poças de água no pátio da aldeia etc. Os universos adulto e infantil são bem demarcados: gente grande não se envolve com “coisas de criança”

Boa parte das brincadeiras infantis, entretanto, é inspirada na repetição e imitação das atividades e atitudes dos adultos, mas nunca de imitar papéis desempenhados pelos homens e mulheres na vida social. Nenhuma criança brinca de xamã (*sotayri/loti*), de feiticeiro (*iholalare/lo*), de benzedor (*hoenaytare/lo*) ou conhecedor de remédios (*baraytare/lo*), funções muito bem definidas e conquistadas somente na fase madura. Por outro lado, as crianças participam efetivamente de todas as atividades dentro ou fora da aldeia. Guardadas as proporções e limites, elas ajudam na pesca, na coleta de frutos e mel, colaboram no plantio de roças, buscam lenha, ralam mandioca, cuidam dos irmãos mais novos, fiam algodão e preparam alimento. Quando já próximas da vida adulta, homens e mulheres participam cantando, tocando e dançando “seriamente” nas cerimônias rituais. Um rápido olhar sobre este tema nos indica, portanto, que domínios do lúdico e do trabalho se misturam, se mesclam e se amalgamam num movimento de aprendizado, onde não se nota com clareza os limites de um e o começo do outro. Este parece ser o exercício da “educação”, da socialização de pessoas no tecido cultural enawene.

Com o avanço da idade, as pessoas vão sendo poupadas do tempo integral das atividades cotidianas e, sobretudo daquelas extraordinárias – como construção de barragens e casas – e excluídos de outras, mas nunca deixam de participar da vida social de forma efetiva. Os anos trazem as marcas da sabedoria e da matéria histórico-cultural impressas na memória: os velhos são depositários da cultura, das teorias nativas e do saber sobre o mundo e a ordem das coisas.

Nesta sociedade ninguém ensina nada as crianças, não existe pedagogia para crianças, não existe nenhuma didática, porém todas as crianças aprendem, todas elas se transformam em adultos, se sociabilizam, se profissionalizam.

Qual seria o mistério de este processo de aprendizagem sem ensino?

#### **4. Resumo dos três exemplos**

O que estes três exemplos tem em comum com respeito ao nosso assunto “Educação Pública”? Pode se pensar que isto acontece porque são sociedades pequenas, isoladas do caos de nossa sociedade pós-moderna, sim, são pequenos núcleos que estão mudando sistemas de aprendizagem estabelecidos também por pequenos núcleos já que são eles os que estabelecem esses sistemas para as maiorias. Quer dizer os 30 alunos de Falko Peschel,

os 250 Enawene-Nawe, os 500 alunos da UPC são núcleos tão o mais numerosos do que os pequenos núcleos dos conselhos de educação de estados, de nações e dos organismos internacionais que determinam que educação será a que deverá ser seguida por bilhões de seres em todo o planeta.

Nos três exemplos o aprender é algo que é inerente ao sujeito e deve ser ele o autor e ator do seu próprio processo de aprender. Gostaríamos de fazer uma leitura destes três exemplos usando uma “figura” antropológica transformando-a numa metodologia para esta leitura, para a interpretação dos exemplos.

Carlos Maldonado, Secretário da Educação de Cuibá no informou, que povos indígenas no Estado de Mato Grosso cultivam uma representação bidimensional do tempo. O tempo aqui é constituído apenas de passado e futuro. *O passado é o que está na frente e o futuro é o que está na gente.*

*Por que o passado na frente?* O passado, o experimentado, o vivido, é a experiência, imagem ou sensação que já conhecemos, o único que podemos enxergar. É a vida já vivida que nos dá a visão da existência, das suas possibilidades, limites e fronteiras. É o acúmulo das vivências, processos, interações e trocas com os outros e com as coisas que nos possibilita a invenção da cultura, em sua dinâmica de destruição e criação permanentes, e a nossa identidade dentro dela.

*O que é o futuro que está na gente?* O futuro não está ao lado, nem atrás, nem na frente. *Ele está na gente.* O futuro guarda um compromisso em sua possibilidade e existência: criar mais passado. Significa dizer, renovar a tradição, superar o já andado. transformando tudo que está na frente (a arvore; o colher; o conhecimento) em algo do futuro, em algo que está dentro de mim, transformando-o num sentido pessoal.

Assim, o futuro impregna a ação com a necessidade de sentido pessoal. Como o futuro está em nós, podemos ou não realizá-lo, mas ele não depende do outro, senão para as utopias coletivizadas. Passamos a ser depositários dos nossos sonhos, senhores dos nossos desejos, responsáveis únicos pelo que somos e pelo que viermos a ser. Passamos a ser seres humanos.

Nos três exemplos apresentados de culturas completamente diferente a lógica da pedagogia vigente é questionada fundamentalmente. E aparece aqui uma outra lógica além de uma perspectiva de métodos novos. Em todos os três exemplos se encontra o direito de aprender a ser um ser humano. A razão lógica da Educação Pública tradicional está determinado e influenciado por a lógica do Estado e da sua sociedade. Se trata da lógica do poder, que o filosofo Espinosa descreveu na sua Ética como lógica do tirano e do escravo . Os homens livres encontram um base nos afetos e emoções de alegria e felicidade, que aumentam a capacidade de agir quer dizer de viver. Também encontramos em Espinoza uma negação muito forte de qualquer forma de um dualismo, seja o dualismo mente - corpo, individuo - sociedade, espírito - matéria.

E para concluir nos identificamos com duas frases de Agostinho Reis Monteiro

“Com que legitimidade podem as gerações mais velhas (a sociedade/ o Estado) pretender moldar as gerações mais novas á sua imagem semelhança?

Com que direito é que uns seres humanos fazem o que fazem a outros seres humanos, a titulo da educação? Com que direito educar? ... O direito à educação tem o alcance de uma revolução coperniciana que pode ser resumida nestes termos metafóricos: a educação já não está centrada na terra dos adultos, nem no sol da infância, mas projetada no universo dos direitos do ser humano, onde não há maiores e menores, pais e filhos, professores e alunos, mas sujeitos iguais em dignidade



e direitos. Sendo assim, a razão pedagógica já não é *a razão biológica da Família, nem a razão política do Estado*, mas a **razão ética** do educando, que limita tanto o arbítrio parental como a onipotência estatal. *A ética do direito de aprender é uma ética cujo valor específico é o pleno desenvolvimento da personalidade humana como centro de gravidade de todo o desenvolvimento.* (2001, pp 3 e 4)

:

O direito á educação é, portanto um direito novo e exige uma educação nova.”

***Seguindo esta lógica se precisa urgentemente criar um espaço público numa esfera global, não-eurocêntrica, para a luta para e pela educação pública.***

***Esta esfera publica, este espaço publico é mais do que só uma homepage. Esta esfera publica é comparável com a esfera autônoma do político construído 200 anos atrás nas lutas políticas - uma das condições e pressupostas da construção da Educação Publica. Com certeza o Fórum Mundial de Educação pode ser um dos primeiros passos de um novo espaço publico altamente político para apresentar e discutir no nível mundial as novas formas de uma educação pública a partir de práticas sociais éticas.***

### **Bibliografia**

Espinosa: Tratato teológico-político. Introdução, tradução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa. 1988.

Espinosa: Ética. Introdução de Joaquim de Carvalho. Lisboa 1992.

Kwong, J.: The reemergence of Private Schools in Socialist China. In: *Comparativ Education Review* vol 41 (1997), no. 3 244 pp

Latour Bruno: *Politiques de la nature*. Editions La Découverte & Syros. Paris 1999.

Latour, Bruno A *esperanza de Pandora*,. EDUSC. São Paulo 2001

Lohmann, Ingrid: *Comercialism in Education. Historical Perspectives, Globals Dimensions, European Educational research Fields of Interest*. In: *Educational Research Journal* vol. I eerj/ (2002) no 3, pp 550-565; <http://www.triangle.co.uk/>

Mendes de Santos, Gilton: *Saberes e práticas de espaço na cultura enawene-nawe*. Palestra no Simpósio Espaço e Identidade. Universidade de Siegen 2003

Peschel, Falko: *Offener Unterricht – Idee, Realität, Perspektive und ein praxisorientiertes Konzept zu Diskussion*. Baltmannsweiler: Schneider Verlag) 2003

Peschel, Falko: *Offener Unterricht – Idee, Realität, Perspektive und ein praxisorientiertes Konzept zu Diskussion*. Baltmannsweiler: Schneider Verlag) 2003

Public Citizen : [Http://www.citizen.org/trade/wto/gats/Sign\\_on/articlescfm?ID=1831](http://www.citizen.org/trade/wto/gats/Sign_on/articlescfm?ID=1831)

Reis Monteiro, Agostinho: *Carta de Princípios do Fórum Mundial de Educação* 2004

Reis Monteiro, Agostinho: *Direito a Educação e Globalização*. FME. Porto Alegre 2001